

Sinopse

Viagem a Portugal é um filme político sobre os procedimentos de controle de estrangeiros nos aeroportos europeus e sobre o tratamento desumano, que é aceite como prática comum nos dias de hoje. Maria, uma médica ucraniana, aterriza no aeroporto de Faro, em Portugal, com um visto de turismo.

Entre todos os passageiros do seu avião, Maria é a única a ser detida e interrogada pela polícia de estrangeiros e fronteiras.

A situação transforma-se num pesadelo quando a polícia percebe que o homem que espera Maria no aeroporto é senegalês.

Imigração ilegal? Tráfico humano? Tudo é possível.

Viagem a Portugal é um filme inspirado numa história real.





Maria Maria de Medeiros



Inspectora Isabel Ruth



Grego Makena Diop

Elenco

MARIA
INSPECTORA
GREGO
BRENDA
DIRECTOR DA POLÍCIA DE FRONTEIRA
INSPECTOR PRIMEIRO DIA
INSPECTOR SEGUNDO DIA
INTÉRPRETE
AGENTE DE VIAGENS
POLÍCIA DA ALFÂNDEGA
GRADUADO DE SERVIÇO
POLÍCIA SIMPÁTICO
POLÍCIA BRUTO
POLÍCIA DE FRONTEIRA
MULHER POLÍCIA
POLÍCIA GRANDE 1
POLÍCIA GRANDE 2

Maria de Medeiros
Isabel Ruth
Makena Diop
Rebeca Close
João Pedro Bénard
Pedro Pacheco
José Wallenstein
Mykola Chaban
Miguel Mendes
António Pires
Nuno César
Jorge Barros
Miguel Figueira
Nuno Milagre
Gracinha
José Sabala
João Carrujo

Ficha Técnica

ARGUMENTO, REALIZAÇÃO E PRODUÇÃO
DIRECTOR DE FOTOGRAFIA
DIRECTOR DE SOM
CHEFE DE PRODUÇÃO
ASSISTENTES DE REALIZAÇÃO
MONTAGEM

DECORAÇÃO E GUARDA-ROUPA
MAQUILHAGEM E CABELOS
PRODUÇÃO
DISTRIBUIÇÃO

Sérgio Tréfaut
Edgar Moura
Olivier Blanc
Filipe Verde
Bruno Cabral, Maria João Matos Silva
Sérgio Tréfaut, Gonçalo Soares,
Pedro Marques, Mariana Gaivão
Ana Direito
Sano de Perpessac
FAUX
FAUX – Sofia Bénard

Um enquadramento político

Viagem a Portugal é um filme político que procura fomentar o debate a respeito do funcionamento da polícia e da sociedade civil.

Números Em Portugal, como em toda a União Europeia, o número de pessoas que são alvo de expulsão imediata ou quase imediata (sem entrada no território) é impressionante. **(estatísticas em anexo)** Todos os anos este número passa despercebido porque não se conhecem os milhares de histórias que estão por detrás de cada cifra.

Para a realidade de hoje, que importância têm as expulsões em aeroportos? A imagem dos corpos de africanos mortos no mar antes de chegar à fortaleza Europa tornou-se tão banal que os interrogatórios e expulsões diárias em aeroportos parecem um assunto leve.

No entanto, beneficiando da nossa indiferença, milhares de cidadãos são interrogados todos os dias à saída dos aviões. Centenas deles são recambiados para os seus países de origem. Não são criminosos; não são traficantes; a maioria têm documentos e visto de entrada. São pessoas que pagaram passagens aéreas, cujo valor representa meses de trabalho, e que por vezes são tratadas de forma violenta.

Interrogatórios O objectivo dos interrogatórios policiais nos aeroportos é levar os viajantes munidos de um visto de turismo a admitir a possibilidade de um eventual interesse em vir a trabalhar no país. Por exemplo, em Portugal durante muitos anos foi normal que o interrogador atirasse pistas do tipo: «Sabe, agora há uma nova lei de legalização de estrangeiros, e é possível o senhor / a senhora conseguir trabalho aqui. Não tem qualquer interesse nisso?» O interrogador apresentava-se quase como um amigo, ou conselheiro. No caso de angolanos e brasileiros ingénuos, que não eram peremptórios ao negar um eventual interesse em trabalhar na Europa, eram imediatamente colocados de volta num voo de regresso, com o argumento de que teriam de pedir um visto de trabalho no seu país. Mas muitas vezes não era necessário um grande interrogatório, nem pseudo-confissões. A presunção ou os preconceitos da polícia eram suficientes. Pouco importava os familiares que

estavam à espera no aeroporto. Pouco importava os viajantes que tivessem um visto de turismo válido. Pouco importava que durante anos tivessem acumulado dinheiro para fazer esta viagem.

Silêncio *Viagem a Portugal* traz uma luz sobre a minúscula ponta de um iceberg: o facto de as ocorrências diárias da polícia serem remetidas para o silêncio das estatísticas. Existe uma falta de transparência no procedimento das polícias em imensas situações. Em Portugal não existe forma alguma da sociedade civil ter conhecimento real acerca da maioria dos procedimentos policiais. Nas zonas aeroportuárias é explicitamente proibida a presença de advogados, associações de protecção de imigrantes, jornalistas. Em outros países da UE, como a França, essa impunidade da polícia já não existe. A presença regular de associações em locais de interrogatório é autorizada e os relatórios de denúncia são constantes.

Exemplos O Filme *Viagem a Portugal* escolhe deliberadamente uma história sem especial gravidade – água de rosas comparada com o drama de pessoas com vidas muito mais difíceis, para quem a experiência de interrogatório e expulsão terá sido muito mais traumática. Também não foca as pessoas assassinadas ou feridas pela polícia nos aeroportos do primeiro mundo (Bélgica, França, Canadá, Estados Unidos, etc). Também não foca a falta de condições das prisões aeroportuárias (assunto tratado pela imprensa portuguesa em 2005). O objectivo é mostrar que, mesmo numa situação relativamente amena, todo este processo não está isento de preconceitos de raça, de aparência, de género, de sexualidade. E que, mesmo os casos mais leves são muito amargos.

Estratégias Governamentais Passados 15 anos sobre o início da vaga migratória para Portugal (tema de *Lisboetas*), é hoje claro que os governantes não souberam aproveitar e gerir de forma inteligente para o país um «brain drain» involuntário, que lhes caiu do céu. Portugal recebeu num breve período milhares de pessoas muito bem formadas em áreas específicas e desperdiçou grande parte desse capital humano, criando obstáculos pouco inteligentes. O caso da medicina é particularmente gritante. Portugal foi um país de tal forma

mal administrado nas últimas duas décadas que não formou médicos em quantidade suficiente. Hoje o número de médicos não chega para satisfazer as necessidades da população e, em contrapartida, importam-se médicos colombianos. No entanto, centenas de médicos do Leste Europeu que teriam tido interesse em exercer medicina em Portugal desde meados nos anos 90 não tiveram a vida facilitada.

Realidades Invisíveis Quando rodei **Lisboetas**, após semanas de difíceis negociações com o SEF, consegui autorização para filmar num centro de atendimento de imigrantes, em Lisboa. Regra *sine qua non*: estávamos proibidos de filmar os funcionários do SEF. As nossas filmagens naquele local, que deveriam durar dois dias, foram suspensas pelo departamento de comunicação do SEF ao fim de três horas. Fomos amavelmente expulsos... «*porque a câmara estava a atrapalhar o bom funcionamento do serviço*». Quando **Lisboetas** foi lançado, a direcção do SEF convidou-me para uma reunião. O objectivo era explicar-me que o SEF era uma instituição transparente. Propus então que me autorizassem a rodar um filme na zona de interrogatórios dos aeroportos. Disseram-me que iam estudar o assunto. Obviamente, nunca recebi resposta. Há realidades invisíveis. Em Portugal as instâncias de poder (governamentais, judiciais, policiais) têm pânico de ser expostas. Apesar de possuírem poucos recursos, gerem ao milímetro a sua imagem pública. Aquilo que mais temem ver revelado não são apenas os seus abusos de poder, mas a sua incompetência. Este é o fio que sustenta esta **Viagem a Portugal**, ficção livremente adaptada de uma história real.

RECUSAS DE ENTRADA
Fonte: Relatórios anuais do SEF

Países mais representados:

1998	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009
Angola 286	Brasil 1394	Brasil 1348	Brasil 2175	Brasil 2339	Brasil 2910	Brasil 2161	Brasil 1749	Brasil 2068	Brasil 2333	Brasil 1668
Brasil 257	Angola 164	Angola 528	Angola 927	Angola 254	Venezuela 216	Bolívia 617	Venezuela 435	Venezuela 624	Senegal 431	Senegal 162
G-Bissau 117	G-Bissau 95	G-Bissau 104	Senegal 165	Senegal 127	Bolívia 214	Venezuela 329	Bolívia 329	Senegal 407	Venezuela 157	Angola 145
Senegal 72	Senegal 67	Senegal 83	G-Bissau 102	Bolívia 121	Angola 128	Senegal 120	Senegal 273	Angola 113	Angola 103	G-Bissau 123
	Equador 66	Ucrânia 41	Roménia 75	G-Bissau 107	G-Bissau 115	G-Bissau 105	G-Bissau 104	G-Bissau 97	G-Bissau 87	Venezuela 91
	Nigéria 65		Ucrânia 71		Senegal 99	Paraguai 105				
	Ucrânia 36		Bolívia 65		Colômbia 69	Bulgária 75				
	G-Conacri 35		G-Conacri 64		Paraguai 42	Colômbia 71				
Total 1497	Total 2474 (95,2% no aeroporto de Lisboa)	Total 2637 (89,7% no aeroporto de Lisboa)	Total 4196 (92,2% no aeroporto de Lisboa)	Total 3700 (95,9% no aeroporto de Lisboa)	Total 4335 (94,1% no aeroporto de Lisboa)	Total 4146 (92,7% no aeroporto de Lisboa)	Total 3598 (93% no aeroporto de Lisboa)	Total 3963 (91% no aeroporto de Lisboa)	Total 3598 (94,2% no aeroporto de Lisboa)	Total 2564 (94,9% no aeroporto de Lisboa)

Sérgio Tréfaut

Sérgio Tréfaut nasceu no Brasil em 1965, filho de pai português e de mãe francesa. Após um mestrado em filosofia na Sorbonne (Paris), começou a sua vida profissional em Lisboa, onde trabalhou como jornalista e assistente de realização. Torna-se gradualmente produtor e realizador.

Os seus documentários foram exibidos em mais de 30 países e receberam diversos prémios internacionais. Os principais títulos são: *Outro País* (1999), *Fleurette* (2002), *Lisboetas* (2005) e *A Cidade dos Mortos* (2009). *Lisboetas* foi o primeiro documentário português a estar três meses consecutivos em cartaz.

A sua primeira longa-metragem de ficção *Viagem a Portugal*, com Maria de Medeiros, Isabel Ruth e Makena Diop, é a sua primeira longa de ficção.

Dirigiu por vários anos o Doclisboa Festival Internacional de Cinema e foi presidente da Apordoc (Associação Portuguesa de Documentários).

Filmografia Selectiva (*)

- **Viagem a Portugal**, 75', ficção, 2011
- **Waiting for Paradise**, 20', documentário, 2011
- **A Cidade dos Mortos**, 64', documentário, 2009
- **Lisboetas**, 100', documentário, 2004-2005
- **Novos Lisboetas**, 25', instalação documental para dois ecrãs, 2003
- **Fleurette**, 80', documentário, 2002
- **Outro País**, 70', documentário, 1999
- **Alcibíades**, 25', ficção-experimental, 1992

(*) CV completo para download no site www.viagemaportugal.net

Imprensa

IndieLisboa'11 - Crítica «Viagem a Portugal»

Um triunfo do cinema português

Maio 9, 2011 escrito por: Pedro Ponte

Quando Sérgio Tréfaut estreou Lisboaetas no IndieLisboa em 2004, na primeira edição do festival, o seu nome era praticamente desconhecido do grande público. Tréfaut, luso-brasileiro filho de pai português e de mãe francesa, venceria o Prémio de Melhor Longa-Metragem Portuguesa por aquele que foi provavelmente o primeiro filme a retratar de forma nua e crua, sem artifícios, a imigração em Portugal. Sete anos depois, o seu nome volta às bocas da cinefilia nacional através de dois filmes: A Cidade dos Mortos, actualmente em exibição nas salas nacionais, e Viagem a Portugal, a sua primeira incursão pela ficção que o vê regressar – pela porta grande – ao festival que o lançou.

E se o seu segundo documentário rompeu com os temas políticos, retratando antes a maior necrópole do mundo no Cairo, com esta sua primeira obra ficcional Tréfaut regressa às origens com um filme igualmente político e denunciador, que volta a abordar a imigração a partir de uma história verídica de uma mulher ucraniana, Maria (interpretada por Maria de Medeiros) que, na passagem de ano de 1997, desembarca no aeroporto de Faro, como turista, para visitar o marido, Grego (Makena Diop), senegalês residente em Lisboa. Maria é detida pela polícia de imigração, liderada por uma fria inspectora (Isabel Ruth), que, sem qualquer tipo de provas, a mantém retida no aeroporto por desconfiança em relação aos motivos da sua viagem. Presa numa situação absurda, em constante luta contra a burocracia e estupidez, a sua viagem a Portugal resumir-se-ia a um inferno de 24 horas.

Apresentado com casa cheia na fabulosa Sala 1 do cinema São Jorge, com presença de Tréfaut, elenco e inclusivamente o casal (que recebeu o maior aplauso da noite) em cuja história o filme é inspirado, Viagem a Portugal é ficção, mas ficção feita claramente por um documentarista nato. O naturalismo e amorismo de Lisboaetas é substituído por uma qualidade mecânica e teatral, qualidade essa que nunca torna o filme menos real, antes pelo contrário; Tréfaut filma, em tempo real, como se de uma reconstrução científica do National Geographic se tratasse, com recurso à repetição de planos de várias perspectivas e uma

completa ausência de música. É tudo de um realismo desconcertante, qualidade rara no cinema português, que deve obrigatoriamente servir como alerta em relação aos abusos de poder por parte das autoridades fronteiriças e das alfândegas, bem como à eterna obsessão portuguesa com a burocracia, que coloca muitas vezes um pedaço de papel acima dos direitos e da dignidade de seres humanos.

Delicado e ao mesmo tempo agressivo, claustrofóbico e minimalista, Viagem a Portugal é aquele tipo de filme que aparece muito de vez em quando em Portugal. É tão bom que, por mais anti-patriótica que esta afirmação possa parecer à primeira vista, nem parece português. Não por ser cosmopolita por natureza, falado em várias línguas e a preto-e-branco, mas por se servir de uma linguagem estética e cinematográfica que poucos se arriscam a usar por cá. Tréfaut arriscou, pegou numa história que, nas suas próprias palavras, não é extraordinária, filmou durante menos de três semanas em meia-dúzia de cenários e fez um grande filme. E Viagem a Portugal não é um grande filme apenas por ser bonito e diferente – é um grande filme porque desafia convenções e ao mesmo tempo conta uma história que merece ser contada, fazendo-o sempre através quer de palavras, quer de imagens, quer de sons.

É, de certa forma, um dos filmes mais puros (e não gosto de usar a expressão, só o faço quando é necessário) feitos em Portugal nos últimos tempos. A essência do cinema está toda neste pequeno grande filme, desde a preponderância da montagem a algo tão Hitchcockiano como um plano que esconde algo que qualquer outro exploraria. A fotografia de Edgar Moura faz o filme ora explodir com luz ora fechar-se em sombra, com um uso da iluminação (principalmente em interiores, nomeadamente nas cenas na sala de interrogação) fabuloso, que resulta num preto-e-branco lindíssimo, sensual e mais expressivo que muitos filmes a cores, muitas vezes a lembrar um filme de Jim Jarmusch ou Wim Wenders. E depois, a complementar toda esta técnica, está um elenco fantástico: Maria de Medeiros arranca apenas uma das maiores interpretações que me lembro de ver nos últimos tempos, sem proferir uma única palavra na sua língua-mãe, enquanto que Isabel Ruth cria um monstro de personagem, que se serve da mais assustadora arma de todas, a falta de humanidade. Já Makena Diop, anda sempre no meio de ambas sem o génio histérico e reprimido mas com uma calma afectante.

Se houvesse justiça no mundo e no cinema, Viagem a Portugal faria o circuito completo de

festivais europeus e mundiais – e maravilhariam em todos eles. Não havendo, é o tipo de filme – prodigioso, desafiador, diferente – de que o cinema português precisa urgentemente em maior quota. Quando nos deparamos com um filme com esta qualidade, como aconteceu em 2005 quando Marco Martins fez Alice, é difícil não nos enchermos de orgulho e quisermos mostrá-lo ao mundo. Antes disso é preciso mostrá-lo a Portugal – e quando tiverem oportunidade de o ver, não hesitem. O filme repete quarta-feira, dia 11, às 21h30, novamente no São Jorge.

NOTA:

* * * *

O MELHOR:

A realização de Tréfaut, a fotografia, a montagem, a naturalidade dos diálogos. O elenco, com duas interpretações sublimes de Maria de Medeiros e Isabel Ruth.



CINEMA



MARIA DE MEDEIROS E ISABEL RUTH EM "VIAGEM A PORTUGAL": A ESTREIA NA FICÇÃO DE SÉRGIO TRÉFAUT É UM DOS FILMES INDISPENSÁVEIS DO INDIELISBOA 2011

NUM TEMPO BRANCO E CARCERAL

Maria, ucraniana, desce no aeroporto de Faro. Estamos no alvor de 1998, o ano em que Portugal mais almeja uma visibilidade internacional — mas a data é de mera ironia. Maria não fala uma palavra de português, nem de inglês, percebe mal francês — e russo não é língua que a polícia portuguesa conheça. Submetida a interrogatório pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, consegue dizer que vem juntar-se ao marido, senegalês, negro, que trabalha em Lisboa, na construção civil. A agente que está a tratar do caso estranha — Maria está demasiado 'apealtada'. Tráfico humano para as noites de sexo algarvio? É uma hipótese. Devolver Maria à procedência começa a desenhar-se como desfecho. O marido aparece, apresenta-se como médico, não aceita que retenham a mulher ali, mas também ainda não está com a sua situação inteiramente legalizada. A polícia não se demove. O cerco vai-se fechando, em noite de passagem do ano nem há advogados a quem recorrer. E, atendendo a que Maria não é indigente e traz consigo dinheiro que baste, terá de comprar a passagem de regresso do seu bolso. A lógica torna-se um fator de alucinação.

"Viagem a Portugal" é a primeira longa-metragem de ficção de Sérgio Tréfaut, cineasta com alguns dos mais marcantes documentários portugueses da última década ("Fleurette", "Lisboetas"). Constrói-se a partir de um caso verídico, pés assentes na realidade, tem uma ética de documentarista, mas faz-se segundo um esquema conceptual muito marcado. Tréfaut usa mesmo o adjetivo "experimental" para o qualificar, palavra que não perfilho pelo efeito de estranheza que carrega consigo. E "Viagem a Portugal" não tem nada de estranho, o seu dispositivo é apenas um modo de praticar uma notável eficácia comunicacional e emotiva. A ação decorre num período de 24

horas, a fotografia é a preto e branco, o filme é quase todo em grandes planos e utiliza, aqui e ali, a repetição dos mesmos diálogos quando acontece o contracampo (como que a sublinhar o artifício e, portanto, a ficção), os espaços são despojados, o fundo é, em geral, branco e vago, somos colocados numa espécie de suspensão, de terra de ninguém, numa sagaz aproximação ao estado de espírito da protagonista. Há uma sufocação carceral, uma instalação do absurdo, todavia sem violência animosa, tudo segundo uma série de procedimentos de inequívoca racionalidade (e, se calhar, necessidade), os membros do corpo policial estão ali a fazer o seu dever sem acrimónia e até podem ser solidários e simpáticos. Nada de brutalidade, água de rosas. Mas tudo aquilo é tão degradante da condição humana de Maria que se torna bárbaro. Na sua geometria formal, "Viagem a Portugal" tem um sentido de denúncia enérgico que nos abala.

Maria é Maria de Medeiros, regressada ao cinema português após dez anos de ausência (os seus últimos filmes, "Porto da Minha Infância" e "Água e Sal", datam de 2001), a falar russo e a debater-se contra um sistema alucinante, a agente que a interroga é Isabel Ruth (magnífica de crueldade branda) e o marido africano é Makéna Diop (que os mais atentos lembrarão de "O Herói", de Zézé Gamboa). Outros atores fazem pequenas aparições, com especial relevo para Rebeca Close, que protagoniza o outro caso de fronteira daquela mesma noite, afinal, muito mais dramático. ▲

Jorge Leitão Ramos

"Viagem a Portugal" passa no Indie, no cinema São Jorge, nos dias 8 de maio, às 21h45, e 11 de maio, às 21h30, e tem estreia agendada para o princípio do verão)



Viagem a Portugal de Sérgio Tréfaut

• A Torre de Belém aparece no fundo de uma fotografia, como paraíso inalcançável ou extraviado. Quem espera de *Viagem a Portugal* um panfleto turístico em forma de filme que se desengane pois trata-se do oposto. Não que se denigra a qualidade das nossas atrações, simplesmente porque nem sequer chega lá, fica-se pela viagem que poderia ter sido. O título do filme, *Viagem a Portugal*, é de uma ironia dramática. Portugal até pode ser um país maravilhoso, mas nós ficamos - nos pelas paredes brancas do aeroporto de Faro, onde uma ucraniana (María de Medeiros) que veio visitar o marido (Makena Diop), com um visto de turismo válido, é impedida de entrar no país pelos Serviços de Estrangeiros e Fronteiras.

Não deixa de ser sintomático que Sérgio Tréfaut, que se destacou no documentário com *Lisboetas* onde, mais uma vez com alguma ironia no título, revelava as comunidades imigrantes de Lisboa, regresse ao tema da imigração na sua primeira ficção. E, mais uma vez, com uma intenção política e humana, de mostrar o que não se vê. Aqui desperta em nós, da forma mais violenta, um sentimento de injustiça, exibindo as subtilezas da discriminação xenófoba e racial. Fã-lo de forma inteligente, humanizando de certa maneira os agentes da polícia, sobretudo a agente interpretada por Isabel Ruth, desenhando-os com as suas contradições, culpando também o sistema em si, sem os diabolizar como o mal absoluto. Um conceito ademais realista e eficaz. Porque a xenofobia lusa aparece muitas vezes mascarada ou alternada com cartas de princípios e condescendentes boas intenções e lições de tolerância. Mas o resultado efetivo é a usurpação de direitos básicos que nos provoca uma sensação de claustrofobia. Tudo isto no Portugal contemporâneo que é como quem diz, em 1998, ano da Expo de Lisboa, em que Tréfaut contextualiza a história inspirada em factos verídicos.

Subleva-se um conceito formal e minimalista. O fundo branco em que as cenas decorrem e se repetem numa outra perspetiva, na tentativa de nos colocar em ambos os lados... Porque facilmente vestimos a pele do oprimido, ainda para mais quando a atriz que faz de ucraniana é a portuguesa María de Medeiros. Mas na verdade, enquanto portugueses calha-nos talvez o papel do opressor. Sérgio Tréfaut estreou-se da melhor forma na ficção, e o seu filme é um forte candidato ao prémio nacional do Indie.



Viagem a Portugal Um país inalcançável

VIAGEM A PORTUGAL

ESTREIA 16 JUNHO

Lisboa UCI Corte Inglés | City Classic Alvalade

Porto UCI Arrabida | Zon Lusomundo Dolce Vita

para mais informações www.viagemaportugal.net

faux.pt@gmail.com

